

ME MATO, TE MATO.

Marcelo Augusto Resende
Tenente Psicólogo da PMMG

Pretende-se, neste trabalho, focar a questão da atuação em um caso noticiado enfaticamente pela imprensa local, causando um incômodo em todos aqueles que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos com ele.

Trata-se de um policial com mais de 10 anos de vida militar e considerado uma pessoa explosiva, temperamental e instável emocionalmente.

Um jornal publica a seguinte notícia:

“PARENTES ACUSAM O COMANDANTE E ACIONAM O ESTADO POR SUICÍDIO DE POLICIAL”

O ato foi consumado de forma intempestiva, com um tiro no ouvido. Diante do fato, depara-se com um enigma intrigante: o que faz com que uma pessoa cometa um suicídio e até que ponto esse ato seria silencioso, um fim em si mesmo, ou estaria de certa forma endereçado e implicando um outro na questão.

Para melhor compreensão dos fatos, retornar-se-á no tempo, tentando resgatar alguns flashes do seu histórico.

Era o terceiro entre doze filhos. Seu pai era militar e considerado um profissional exemplar e correto. Ao mesmo tempo, em casa era nervoso, agressivo, batia na mulher e nos filhos, principalmente quando estava bêbado. Quando criança, esteve aos cuidados da avó que, segundo ele, tinha problemas mentais e mandava o neto pedir comida e dinheiro na rua. O pai, ao saber do que fazia, batia no filho. Nota-se aqui a ambigüidade da lei a que era submetido, avó louca x pai agressivo. Ao mesmo tempo em que os pais consentiam que o filho ficasse aos cuidados da avó, desautorizavam-na e o puniam pelos atos cometidos a mando desta.

Considerado desde pequeno uma criança impulsiva e instável, chegava a agredir os irmãos, sem medir as conseqüências. Nunca apresentou crises epiléticas ou convulsões no seu desenvolvimento.

Segundo seu próprio relato, ingressou na PM com o sonho de se tornar uma outra pessoa, renascer como sujeito digno e respeitado. Tinha planos de fazer cursos, ascender profissionalmente e ser destaque operacional. “Esqueci de mim mesmo, investi tudo na PM”. Queria deixar de ser ele mesmo em troca de um reconhecimento pelo outro.

Ao mesmo tempo, apresentava condutas delinqüentes e jogo manipulativo. Tais manifestações poderiam significar uma defesa diante de sua falta e/ou uma tentativa de ser interditado por uma lei que lhe definisse um lugar em sua ambigüidade.

No início de 1994, foi acusado de ter assaltado uma padaria junto com um detetive da Polícia Civil. Embora não tenha sido reconhecido, foi preso no batalhão, teve uma crise nervosa e tentou suicídio. Esteve internado no HEAL (Hospital Espírita André Luiz) por três dias.

Segundo Kaplan, “Embora alguns suicidas procurem realmente a morte, outros estão tentando comunicar seu sofrimento, mitigar sua solidão e evitar as seqüelas de uma alteração do *status*; também podem estar em busca de vingança, bem como transmitindo uma quantidade de outros significados.”

Em 1995, é acusado de tentativa de extorsão juntamente com policiais civis, abrindo-se um IPM (Inquérito Policial Militar) contra a sua pessoa e, por conseguinte, um CD (Conselho de Disciplina) .

Diante de tais acusações, seu sonho torna-se um pesadelo: de homem valorizado e reconhecido, transforma-se em sujeito marginal, escória exposta em manchete de jornal: “SOLDADO ASSALTANTE”. O ideal se escoa pelas próprias mãos, restando apenas o seu lugar de origem, com desvalorização e desprezo. Desiludido, inconformado e decepcionado, entra em depressão, agredindo a todos, inclusive a si próprio.

Freud, em seu artigo Luto e Melancolia, estabelecia que a auto-recriminação e a auto-aversão, observados na melancolia, eram geradas da satisfação das tendências do sadismo e do ódio dirigidos a um objeto de amor e que eram desviadas contra si mesmo.

É exclusivamente este sadismo, que soluciona o enigma da tendência ao suicídio (...) A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetual, puder tratar a si mesmo como objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo.

Sendo avaliado periodicamente pela JCS (Junta Central de Saúde da PMMG), foi constatado que esse militar era normal do ponto de vista médico-legal, mas demonstrando reações depressivas, instabilidade e agressividade, com impulsos homicidas e suicidas. Apresentava-se políqueixoso, nervoso e tentando manipular as consultas, sempre com baixa tolerância à frustração.

Reverendo a sua NPC (Nota de Prêmios e Castigos), observa-se que durante o tempo em que serviu na PMMG cometeu várias faltas disciplinares: trabalhando mal, deixando de cumprir ordens, sendo negligente e contrariando normas em vigor. Foi preso várias vezes e detido outras tantas. Essas constatações indicam que não conseguiu ajustar-se satisfatoriamente à vida militar.

Consultando o DSM IV (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) , sobre TRANSTORNOS DE AJUSTAMENTO, encontravam-se as seguintes considerações:

A característica essencial de um Transtorno de Ajustamento é o desenvolvimento de sintomas emocionais ou comportamentais significativos em resposta a um ou mais estressores psicossociais identificáveis. A importância clínica da reação é indicada por um acentuado sofrimento, excedendo o que seria esperado, ou por um prejuízo significativo no funcionamento social ou profissional. Os sintomas podem persistir por um período prolongado se ocorrem em resposta a um estressor crônico. Os Transtornos de Ajustamento estão associados com um maior risco de tentativas de suicídio e suicídio completado.

A notícia do jornal divulgou que a forte pressão a que vinha sendo submetido, ameaças de expulsão e transferência para um batalhão do interior levaram ao trágico desfecho. Segundo parentes, o desespero do soldado foi maior, quando recebeu o seu contra-cheque. Ele comentou com a família: “Era muita humilhação para pouco dinheiro”.

Nesse momento, identificado ao objeto resto, leva ao máximo o seu fantasma masoquista, dirigindo a sua agressividade contra si mesmo, matando-se. Encontra uma saída desesperada de fazer-se sujeito, sustentar seu próprio desejo e interditar a demanda do Outro.

A pessoa invadida por uma experiência desse tipo vê-se desalojada de sua condição de sujeito, tornando-se objeto. O ato suicida apareceu como um não, proferido ao Outro.

Interessante salientar o caráter público e privado que cerca este caso. O pai, considerado profissional respeitado, mostrou-se um sádico na intimidade com o filho. A instituição que propiciaria ao militar uma vida de ascensão e destaque acaba por expô-lo como suspeito e desajustado. A família, núcleo mais reservado do indivíduo, torna público à sociedade os acontecimentos particulares de sua vida, através de declarações inflamadas contra a instituição militar.

Nesse momento, público e privado tornaram-se uma coisa só, perdendo-se as devidas proporções de cada esfera. Isso faz pensar que ele tenha unificado as suas diversas representações, PAI-AVÓ-FAMÍLIA-OFFICIAIS-COMANDANTE-JCS-PMMG, num só Outro, a quem dirige a sua oposição, o seu NÃO.

Beneti, no Encontro dos Psicólogos da PMMG de outubro de 1996, relatando sobre as atuações na clínica, colocou um tema que chamou particular atenção, em função desse caso. É o ato perverso que, direcionado ao outro, provoca horror e angústia para que o próprio sujeito goze.

Esse militar não comete um ato silencioso e imotivado. O seu suicídio e suas tentativas anteriores fazem sentido diante de sua insatisfação, desilusão e oposição, tendo um endereço certo, golpear a si e a todos, com sua própria morte. ME MATO, TE MATO. Ato sadomasoquista que golpeia e espanca ao mesmo tempo, de maneira radical. Ato suicida – homicida, que provoca espanto, embaraço e inquietação.

Um parente, que toma a frente nas declarações difamatórias, parece identificado ao militar, ou como que este, encarnado em sua pessoa, gozasse com o desfecho dos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma reflexão sobre esta atuação, o suicídio, questiona-se que mudanças de fato ele provocou. A instituição foi alvo de seu ataque (“te mato”) mas saiu ilesa. Quanto ao militar, ele pôs fim à própria vida através de um ato infrutífero, selado com um tiro no ouvido. Uma voz se calou ... Uma mesma voz que poderia de outra maneira transformar a realidade, propor mudanças e criar novas demandas.

Freud, em “Mal-Estar na Civilização” sugere que

A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual.

Assim, uma das possibilidades para lidar com o suicídio seria um trabalho preventivo, inter e multidisciplinar, envolvendo toda a instituição, visando a criar condições de o sujeito emergir, sair da posição de objeto, falar e ser escutado em suas tormentas, podendo, então, resgatar a sua identidade e achar uma solução viável.

A partir de o momento em que se cria um elo cada vez mais distante entre a experiência vivenciada pelo sujeito e a sua atuação, maiores chances haverá para se evitarem saídas drásticas como o suicídio.

REFERÊNCIAS

BENETI, Antônio. Encontro Mensal dos Psicólogos da PMMG – **Atuações na Clínica**. Belo Horizonte, Hospital Militar, outubro de 1996. (Notas de aula).

DSM IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p 81-171: O mal estar na civilização. ESB, 21.

_____. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p 275-292: Luto e melancolia. ESB, 14.

KAPLAN, H. e SADOCK, B. **Compêndio de psiquiatria dinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Moraes Editores, 1970.

OMS, Genebra. CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PALONSKY, Cíntia. **Crises acidentais: Dimensão teórica e direção do tratamento**. Belo Horizonte, 1991 (Notas de seminário).